****

**3º Domingo de Páscoa (26 de abril de 2020)**

**A humanidade em Tomé.**

Amadas irmãs, amados irmãos, que a paz de Deus esteja com vocês!

Continuamos no Tempo Pascal, com sua duração de cinquenta dias (sete semanas), período em que celebramos a passagem da morte à vida, com grande júbilo e, ao mesmo tempo, com profunda reflexão. Atentemo-nos para as possíveis e necessárias transformações, com a morte de nosso eu humano egoísta, vaidoso e apegado, e o ressurgimento de nossa essência divina assumindo o controle de nossas ações. Não é sem razão a manutenção do termo “Páscoa”, relacionado à tradição judaica com o significado de “passagem”. Estamos voltados, então, para a nossa tão almejada evolução espiritual, razão precípua da encarnação humana neste mundo, pela qual as pessoas se capacitam a ajudar o Altíssimo na construção do Reino, em todo tempo e lugar.

O ponto central da fé cristã está no “Cristo vivo” e permanente em cada um de nós, crentes ou não. Não se trata de uma sobrevivência física, de natureza humana, mas sim de sua Palavra, de sua Verdade, para que a concretizemos em nosso cotidiano.

Tenhamos sempre em mente que a ressurreição de Cristo não é algo para ser celebrado como um fato histórico, certamente não era o seu desejo, mas sim para estarmos sempre voltados à sua viva presença em cada um de nós, fortalecendo-nos em nossa caminhada e possibilitando-nos saborear uma vida plena de amor e paz. Assim, a Ressurreição nos aponta ao caminho do crescimento espiritual que possibilita o fortalecimento crescente dos nossos laços com a transcendência.

Neste domingo, o 3º do período pascal, deparamo-nos com a passagem evangélica de Lucas, narrando o encontro de Jesus com dois de seus discípulos a caminho de Emaús, entristecidos e temerosos pela morte do Mestre, sendo capazes de reconhecer a presença de Cristo somente no momento que Ele se revela por sinais.

Convido a todas e todos para que juntos possamos refletir sobre o texto evangélico de hoje, na sequência deste período pascoal.

13Nesse mesmo dia, dois discípulos caminhavam para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios. 14Iam falando um com o outro de tudo o que se tinha passado. 15Enquanto iam conversando e discorrendo entre si, o mesmo Jesus aproximou-se deles e caminhava com eles. 16Mas os olhos estavam-lhes como que vendados e não o reconheceram. 17Perguntou-lhes, então: “De que estais falando pelo caminho, e por que estais tristes?” 18Um deles, chamado Cléofas, respondeu-lhe: “És tu acaso o único forasteiro em Jerusalém que não sabe o que nela aconteceu estes dias?”. 19Perguntou-lhes ele: “Que foi?”. Disseram: “A respeito de Jesus de Nazaré... Era um profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo. 20Os nossos sumos sacerdotes e os nossos magistrados o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. 21Nós esperávamos que fosse ele quem haveria de restaurar Israel e agora, além de tudo isso, é hoje o terceiro dia que essas coisas sucederam. 22É verdade que algumas mulheres dentre nós nos alarmaram. Elas foram ao sepulcro, antes do nascer do sol; 23e, não tendo achado o seu corpo, voltaram, dizendo que tiveram uma visão de anjos, os quais asseguravam que está vivo. 24Alguns dos nossos foram ao sepulcro e acharam-no assim como as mulheres tinham dito, mas a ele mesmo não viram”. 25Jesus lhes disse: “Ó gente sem inteligência! Como sois tardos de coração para crerdes em tudo o que anunciaram os profetas! 26Porventura não era necessário que Cristo sofresse essas coisas e assim entrasse na sua glória?”. 27E começando por Moisés, percorrendo todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava dito em todas as Escrituras. 28Aproximaram-se da aldeia para onde iam e ele fez como se quisesse passar adiante. 29Mas eles forçaram-no a parar: “Fica conosco, já é tarde e já declina o dia”. Entrou então com eles. 30Aconteceu que, estando sentado conjuntamente à mesa, ele tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e serviu-lho. 31Então, se lhes abriram os olhos e o reconheceram... mas ele desapareceu. 32Diziam então um para o outro: “Não se nos abrasava o coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”. 33Levantaram-se na mesma hora e voltaram a Jerusalém. Aí acharam reunidos os Onze e os que com eles estavam. 34Todos diziam: “O Senhor ressuscitou verdadeiramente e apareceu a Simão”. 35Eles, por sua parte, contaram o que lhes havia acontecido no caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão. (Lc 24,13-35)

**Lucas**, destacadamente em seu capítulo 24, narrou diversos episódios que apontam à ressurreição de Jesus, tais como o conhecimento do sepulcro vazio pelas mulheres, o relato a elas pelo anjo sobre a ressurreição de Jesus e a orientação de seu encontro posterior com os discípulos na Galiléia, os quais não creram na narrativa feita pelas mesmas, o aparecimento de Jesus a Pedro, assim como aos discípulos de Emaús, revelando-se na fração do pão e, por último, o aparecimento de Jesus aos demais discípulos, mostrando-lhes sua real presença e enviando-os à missão de serem testemunhas a todos os povos.

Na caminhada para Emaús, traz-nos Jesus sua amorosa pedagogia, mas que nos atinge direta e profundamente com sua mensagem.

Sabemos que caminhando é que se aprende, caminhando é que se realiza, caminhando é que se transforma. Transformação esta ocorrida em nós mesmos e disseminada por onde quer que andemos levando nossa fé, transmitindo a boa nova, convertendo a Palavra de Deus em ações voltadas à construção do Reino em nosso meio. Porém, ao caminharmos, nem sempre caminhamos no caminho certo. Muitas vezes, saímos de onde deveríamos permanecer, ou tomamos um equivocado caminho, em busca de uma ilusão, tão comumente oferecida por este mundo, demonstrando nossas limitações e nossa pouca fé.

Porém, mesmo quando desejamos caminhos corretos, acontece frequentemente o não reconhecimento da verdadeira luz que nos indica a adequada direção, assim como o não reconhecimento de Jesus pelos discípulos, apesar de terem caminhado com Ele por um bom tempo, terem presenciado suas obras e ouvido seus ensinamentos. Quão frequente é a presença viva de Deus diante de nós, por fatos, testemunhos, pela própria natureza, e não a reconhecemos, e ainda nos entristecemos pela distância que comumente sentimos do Criador?

Vejam que, geralmente, há uma hesitação inicial, um temor, certa dificuldade por parte dos discípulos em reconhecer a presença viva de Jesus, em que pese sua concreta aparição por meio de sinais físicos, bem como por caminhar ou comer na companhia deles. Da mesma forma, em todas as narrativas, Jesus confia aos discípulos a missão de pregar ao mundo sua Verdade e de serem testemunhas vivas de seus ensinamentos e que permaneceria com eles continuamente.

Caracteriza-se o medo como um sentimento comum, juntamente com a insegurança e a dúvida. A morte violenta do Mestre e a hostilidade do ambiente que a envolveu ainda estavam muito presentes na mente de todos, situação não modificada pelos relatos da aparição de Jesus após sua ressurreição.

Vejamos a nossa vida. O que seria a preocupação e o medo, senão a própria limitação de nossa fé? (A preocupação surge quando nos afligimos com um futuro distante, as vezes até improvável. Já o medo aparece quando temos de enfrentar o problema cara a cara.) Elas não estão presentes quando encaramos o presente ou o futuro sem levar em conta a presença viva de Deus em nossa vida? Elas não surgem quando nos deparamos com situações ou possibilidades levando em conta apenas as nossas próprias forças e capacidades?

Assim como os discípulos, amedrontados e preocupados, encontramo-nos muitas vezes em nossa vida, desacreditando, de fato, que teremos forças disponíveis maiores do que a nossa para enfrentarmos as dificuldades cotidianas ou futuras.

O caminho da fé não é feito por meio de evidências materiais, ou provas palpáveis, mas sim de forma a se perceber a revelação de Deus, ao nos abrirmos à experiência com Ele.

Lucas nos diz com a sua catequese que, igualmente como os primeiros discípulos, temos de percorrer o caminho da fé que nem sempre é claro, leve e evidente, até chegarmos à certeza da ressurreição, da verdadeira transformação. Tal trilhar jamais será feito por lógicas deduções, tampouco por construções intelectuais, mas sim abrindo-nos e oferecendo-nos à revelação divina, indo ao encontro com o Senhor vivo e ressuscitado, por meio do encontro comunitário, dialogando com os irmãos e com eles partilhando as aspirações de plenitude e salvação, na partilha do amor fraterno, por meio de ações e serviços. Dessa forma, seguiremos o caminhar em direção ao encontro com Cristo vivo, presente e atuante em nossa vida.

Apesar da partida física de Jesus, Ele mantém-se ressuscitado e permanece vivo na nossa vida, por meio de nossos atos, da partilha com os irmãos (“comer em conjunto”, significando ao Povo bíblico o estabelecimento de laços de comunhão, de fraternidade), partilhando o “pão” deixado por Jesus, ao tomar consciência da nossa comunhão com os irmãos e, por conseguinte, com Ele.

A passagem de hoje nos faz lembrar da presença divina permanentemente em nossa vida, bem como da amorosa pedagogia do Altíssimo que nos possibilita percebermos sua presença em nosso meio. Apresenta-se em nossa vida, mesmo que, em muitas vezes, não O percebamos, de forma paciente e carinhosa, respeitando nosso momento, nossa limitada condição, nossas inadequadas desconfianças, decepções e medos diante dos dissabores da vida, jamais se impondo ou mesmo forçando a sua presença ou exigindo a nossa aceitação. A pedagogia amorosa de Jesus possibilita que os discípulos abram o coração, expressem seus sentimentos de perda e frustração. Pode-se perceber que, no fundo, o vazio existente no coração dos caminhantes para Emaús é o mesmo vazio que todo ser humano sente que somente pode ser preenchido pela presença sentida do Altíssimo.

Atentemo-nos, ainda, ao final da caminhada que Jesus não os acompanha sem ser convidado, não invade o espaço dos caminhantes, não força a sua presente, Ele espera ser chamado para os acompanhar. Sua amorosa pedagogia da conversão, como sempre, apresenta a possibilidade de escolha, respeita o livre arbítrio, colocando-se disponível para ser acolhido.

Vemos, assim, o que alguns chamam de “itinerário de amadurecimento da fé”, contando com alguns elementos ao se estar próximo de Cristo: o encontro (caminhando com Ele); a palavra (ouvindo-O e aprendendo) e a missão (aprendendo com Ele a agir).

Nessa passagem, não estaria sendo apresentada a caminhada do discipulado? Caminho este que não está previamente pronto e se faz na medida da descoberta de cada um, por meio de novas perguntas, novas respostas e novas proposições?

Não seria esta a nossa missão: mostrar o caminho para os que desejam ser discípulos de Jesus? Lembremo-nos de que tal propósito representa o de seguir Cristo Jesus como Mestre e Senhor, o de tê-Lo como espelho para as realizações cotidianas, o de estabelecer com Ele uma contínua relação pessoal dialógica ao longo da caminhada.

Para o discípulo de Cristo Jesus, cristão ou não, aquele que O encontrou apropriando-se de sua verdade de amor fraterno, aquele que se propõe a trabalhar por um novo mundo, irmanando-se com os demais seres, já não há mais lugar ao temor, à paralisia egoísta, à preocupação, à competitividade pelos primeiros lugares, deturpando, assim, a verdadeira imagem divina. Alimentemos nossa fé para que a presença viva do Ressuscitado seja evidenciada em nossa vida, disseminando ao mundo tudo o que é decorrente de tal presença.

Um fraterno abraço.

Revdo. Frei Milton Menezes.